

A CULTURA E O LAZER DA CIDADE – SEGUINDO OS PASSOS DA DANÇA DE SALÃO EM CURITIBA

Talita Marques Santos
Simone Rechia

RESUMO

O presente estudo buscou realizar uma discussão sobre o lazer e a cultura na cidade contemporânea. Através da aproximação das obras de Henry Lefebvre, Jane Jacobs e Milton Santos e também da compilação de informações sobre algumas casas de dança da cidade de Curitiba foi possível levantar apontamentos sobre a vivência da cultura, mais especificamente da dança de salão, no tempo e espaço de lazer nas noites curitibanas.

Palavras-chave: lazer, cidade, cultura e dança de salão

RESUMEN

El presente estudio buscó realizar una discusión sobre el lazer y la cultura en la ciudad contemporánea. A través de la aproximación de las obras de Henry Lefebvre, Jane Jacobs e Milton Santos y también de la compilación de informaciones sobre algunas casas de danza de Curitiba fué posible obtener apuntamientos sobre la vivencia de la cultura, mas particularmente de la danza de salón, en el tiempo y espacio de lazer en las noches Curitibanas.

Palabras clave: lazer, ciudad, cultura y danza de salón.

ABSTRACT

The present study reached for a discussion on recreation and culture in the contemporary city. By bringing together the works of Henry Lefebvre, Jane Jacobs and Milton Santos and also the compilation of information of some dance halls in the city of Curitiba, it was possible to gather notes of the culture experience, more specifically on the dance hall, in time and space of leisure in nights of Curitiba.

Keywords: recreation, city, culture and dance

A Cultura E O Lazer Da Cidade

A busca da compreensão do lazer e da cultura na sociedade atual perpassa necessariamente pela compreensão de dois fenômenos considerados os motores das transformações sociais: a industrialização e a urbanização. A industrialização vem gerando em nossa sociedade a transformação da maioria dos bens culturais em produtos, que passam a ser fabricados em grandes quantidades e lançados ao mercado em velocidade acelerada. Neste contexto não são só os bens materiais que se transformam em produtos, mas também as habilidades, as técnicas, as informações, os conhecimentos, as linguagens, as práticas corporais, etc. Ao assumirem a forma de produto estes elementos construídos historicamente pelos homens precisam ser quantificados para que seja possível a sua troca por dinheiro (o que Lefebvre chama de “valor de troca”).

Esta transformação da cultura em produto ou *coisa* nos faz perder a noção do real sentido e significado dos bens por nós apropriados/consumidos. O valor cultural de determinado bem (“valor de uso” segundo Lefebvre) é subjugado pelo seu “valor de troca” e vai perdendo sua força neste contexto.

A urbanização, por sua vez, possibilita a concentração e a rápida circulação de bens e informações, assim como a rápida criação, assimilação e eliminação destes. Além disto, na medida em que as cidades crescem, aumentam as necessidades de se adquirir produtos assim como as diferenças entre os que podem e que não podem fazê-lo.

Entre os elementos culturais que adquirem valor de troca e são trocados por dinheiro, emergem os lazeres do modo urbano, os costumes e a rápida adoção das modas que vêm da cidade. “Geralmente a juventude, grupo etário, contribui ativamente para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade” (LEFEBVRE, 2001, p.19).

Pode-se dizer que assim fica estabelecida uma “cultura da cidade” baseada no produto e no valor de troca, ou seja, afirma-se um conjunto de valores, regras, práticas e costumes baseados na racionalidade e na quantificação tornando as coisas e as relações efêmeras, substituíveis ou descartáveis.

Esta forma de urbanização torna-se um sistema global que passa a ser aceito e reproduzido na maioria das cidades, principalmente as de grande porte, como se fosse o destino natural a ser cumprido no percurso do desenvolvimento destas. Isto se reforça nas estratégias do urbanismo atual que focaliza um sistema unitário e uma cidade carregada com uma ideologia da felicidade através do consumo. Nela todas as condições se reúnem para que exista uma dominação perfeita, para uma exploração apurada das pessoas, ao mesmo tempo como produtores, como consumidores de produtos, como consumidores de espaço.

Em contra partida ao que chamamos anteriormente de “cultura da cidade”, Lefebvre aponta que

“A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é o valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)” (LEFEBVRE, 2001, p.12).

A possibilidade de a cidade ser vivenciada enquanto obra no tempo e espaço de lazer encontra-se em contradição com a lógica dominante da cidade produto que abrange todas as esferas da vida cotidiana. Este mesmo autor aponta para as evidências que nos mostram como é possível a mesma cidade ser o local da “aceleração dos processos (a troca e o mercado a acumulação dos conhecimentos e dos capitais, a concentração desses capitais) e local das revoluções” (LEFEBVRE, 2001, p.63).

O reconhecimento do direito e da vontade de vivenciar o lazer na cidade gera uma demanda por espaços que possibilitem e propiciem tal vivência. As pesquisas já

realizadas pelo GEPLC-UFPR¹ apontam que os espaços destinados a vivência do lazer estão cada vez mais raros nas cidades, pois na maioria das vezes perdem a disputa para espaços utilizados na produção de bens e serviços, moradia, transporte, etc.

Neste caso, o poder público torna-se o grande responsável por proporcionar e manter estes espaços. Entretanto, quando é chamado a implantá-los, acaba aceitando uma ordem de prioridades que privilegia alguns poucos atores, relegando a um segundo plano todo o resto. “Assim, enquanto alguns atores, graças aos recursos públicos, encontram as condições de sua plena realização (fluidez, adequação às novas necessidades), os demais, isto é, a maioria não tem resposta adequada para as suas necessidades essenciais” (SANTOS, 2006, p.209), entre elas a de lazer. Há, desse modo, uma resposta limitada às demandas sociais no que diz respeito aos espaços de lazer em contraposição a uma produção ampla de escassez, pois sabe-se que as periferias das cidades crescem continuamente, assim como cresce a diversidade de suas necessidades. Enquanto o setor público não consegue atender a demanda por espaços de lazer vemos crescer a indústria do lazer atendendo aos interesses daqueles que podem pagar por ele.

Outra questão discutida por Lefebvre é a relação dialética entre o espaço e as ações humanas. O espaço é sempre entendido como gerador e também como consequência destas ações, assim como as ações são frutos do espaço mas ao mesmo tempo o constituem. Para ele os grupos se introduzem no espaço inventando, esculpindo-o, atribuindo-lhe ritmos e significados inovam no modo de viver gerando descontinuidades no processo. “Essas transformações da vida cotidiana modificaram a realidade urbana, não sem tirar dela suas motivações. A cidade é ao mesmo tempo o local e o meio, o teatro e arena dessas interações complexas” (LEFEBVRE, 2001, p.58).

Movidos pelas suas necessidades e desejos, os cidadãos ressignificam os espaços da cidade, utilizam certos locais a fim de restituir os encontros. Estes usos geradores das diferenças escapam às exigências do valor de troca deixando na cidade a marca da pluralidade através da coexistência e simultaneidade de padrões, de maneiras de viver a vida urbana. “É isso que assegura às cidades - sobretudo às grandes - a possibilidade de acolher atividades as mais diversas, realizadas segundo os mais diversos níveis técnicos, de capital e de organização. Desse modo, tais cidades abrigam todos os tipos de capital e todos os tipos de trabalho. É esta, aliás, sua riqueza” (SANTOS, 2006, 209).

Ressaltando ainda mais as diversidades e contradições que impulsionam os usos e a diversidade urbana, Lefebvre justifica sua posição dizendo que

“... as necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e a de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, a necessidade de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência e de comunicação, de imediatez e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las e mesmo desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num mundo” (LEFEBVRE, 2001, p.105).

¹ Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade desenvolvido dentro do CEPELS - Centro de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade na UFPR, coordenado pela professora Simone Rechia. Artigo: As praças que a gente viu! As praças que a gente quer! publicado nos anais do XI Conbrace.

Jane Jacobs contribui com a nossa investigação, pois nos mostra como as cidades propiciam o desenvolvimento da diversidade dependendo dos usos que se fazem de seus territórios, centros, bairros, ruas e calçadas. Segundo esta autora “as cidades são geradoras naturais de diversidade e fecundas incubadoras de novos empreendimentos e idéias de toda espécie” (JACOBS, 2000, p.159). Acrescenta ainda que “seja de que espécie for, a diversidade gerada pelas cidades repousa no fato de que nelas muitas pessoas estão bastante próximas e elas manifestam os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões”(JACOBS, 2000, p.161).

Indo mais a fundo, ainda podemos encontrar as necessidades específicas de uma atividade criadora, de obra, necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário e de atividades lúdicas. Necessidades que apontam para o caminho da vivência da cultura no tempo e espaço de lazer como maneira privilegiada de serem correspondidas.

O lazer enquanto fruto desta sociedade industrial urbanizada não poderia escapar às contradições inerentes das cidades: como a constante tensão entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho; a tensão entre a cultura popular e a indústria cultural; entre a livre escolha e o consumo induzido pelas mais diversas estratégias de marketing, entre a busca da liberdade e o medo da violência, etc. Todas as faces possíveis do lazer encontram meios de se desenvolver na diversidade urbana, sejam de forma privilegiada ou marginalizada pelos cidadãos.

Dentre estas inúmeras possibilidades dos lazers encontrados no contexto urbano, voltamos nosso olhar para uma que julgamos interessante pela diversidade de elementos envolvidos na sua prática: a dança de salão. A vida noturna da cidade, a predominância do setor privado na disponibilidade de espaços para a prática, a disseminação e a apropriação da cultura popular e da cultura de massa, a relação diferenciada com o espaço, a preocupação com a estética, a apreciação da música, a prática corporal, o encontro com o desconhecido, o ver e ser visto, a alegria da festa, o desenvolvimento de sensibilidades, entre outros.

As Casas De Dança De Curitiba

Este estudo é fruto de uma primeira aproximação, de caráter exploratório, das casas de dança de salão da cidade de Curitiba. Visitou-se (tantas) casas noturnas que têm como propósito proporcionar espaço e músicas para o público que pratica e/ou aprecia a dança de salão em geral a fim de coletar informações sobre o espaço físico e sobre o funcionamento destes estabelecimentos. A referência às casas de dança no presente texto será feita por letras (A, B, C, etc) para não ocorrer a exposição daqueles locais que não concordaram com a divulgação do nome na pesquisa.

Assim como os outros empreendimentos comerciais que prestam serviços de lazer nas cidades, as casas noturnas de Curitiba sofrem influências da indústria cultural. A indústria fonográfica está sempre lançando novos cantores, novas músicas e realçando estilos musicais que se tornam “moda” principalmente entre os jovens, estes que são os principais freqüentadores das casas noturnas na cidade. A consequência disto é que algumas casas noturnas buscam atender a esta demanda ajustando-se às novas tendências musicais lançadas pela mídia. Um exemplo claro disto é a abertura de várias casas que tocam música sertaneja voltadas para as classes mais altas de Curitiba.

Um exemplo interessante é o estabelecimento “A”, que já foi uma casa noturna bem freqüentada pela classe média anteriormente mas acabou fechando suas portas.

Após passar por uma reforma voltou a ativa em 2007 com outro nome proporcionando shows de música sertaneja e sendo bastante freqüentado até hoje. A situação deste estabelecimento deixa clara a efemeridade das manifestações culturais na cidade. Em princípio, a cultura sertaneja nada tem em comum com o cotidiano dos jovens de classe média, mas o fato de freqüentar estes locais, ouvir aquelas músicas e dançar daquela forma é uma maneira de diferenciação e integração social no tempo/espaço de lazer. Aqueles que nem pensavam em tirar alguém para dançar na época em que o pagode era a música da moda hoje buscam aulas de dança pois não dá pra sair a noite sem saber uns passinhos de sertanejo. Ficam aqui alguns questionamentos: o que irá acontecer com esta prática quando o sertanejo não for mais a música e a dança da moda? Ela será substituída por outra com facilidade ou haverá focos de resistência em Curitiba? O que falará mais alto, o valor de troca ou o valor de uso do sertanejo?

A cultura citadina do efêmero e da moda faz com que as casas noturnas não consigam manter sua estrutura por muito tempo. Estão sempre abrindo e fechando, adaptando-se às tendências musicais ou então oferecendo outras opções de uso do espaço para não ir à falência. Como é o caso do estabelecimento “B” por nós visitado. Este localiza-se no centro da vida noturna da cidade e abriu as portas quando a dança de salão estava muito evidente na mídia. Com a proposta de atender ao público das escolas de dança de Curitiba tocando vários ritmos que não são populares e muitas vezes desconhecidos a quem não faz aulas (como salsa, zouk, tango). Entretanto, no momento, o estabelecimento não funciona regularmente, faz eventos de dança esporádicos e aluga suas dependências para festas, eventos e outros fins.

Este caso é interessante, pois buscava-se atender a um público específico e que ainda não é muito numeroso na cidade de Curitiba. Ainda existem poucas e pequenas escolas de dança de salão se comparado com outras capitais brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo, onde esta prática está muito mais desenvolvida.

Saindo do centro da cidade e dos hábitos dos jovens de classe média podemos encontrar outro cenário para a dança de salão em Curitiba. São nos clubes voltados para um público mais velho ou para pessoas com menos capital econômico que encontramos locais onde esta prática vem ocorrendo de forma peculiar a anos sem perder sua força.

Temos aqui alguns exemplos de casas noturnas que têm conseguido manter suas portas abertas desde a proposta inicial resistindo aos modismos da indústria cultural, o valor do ingresso é mais acessível do que os estabelecimentos anteriores e há um predomínio de shows de grupos que tocam músicas gauchescas junto com outros ritmos como bolero, samba, forró e sertanejo.

O exemplo mais significativo encontrado é caso do estabelecimento “C”, que inaugurou em 2003 em um bairro afastado do centro da cidade. Ele funcionou de quinta a domingo todas as semanas até que a casa foi completamente destruída por um incêndio em agosto de 2008². Com música ao vivo toda noite, a casa cativava seu público com aulas de dança gratuitas antes dos bailes e com bandas que tocavam músicas de variados estilos. Além disso, sempre havia bônus e promoções que deixavam os preços acessíveis para a maioria.

É interessante comentar que muito próximo deste empreendimento abriu outra casa noturna, estabelecimento “D”, que tinha como proposta cultivar a tradição das danças gaúchas, tanto que grande parte dos freqüentadores usava trajes típicos para ir aos bailes. Por vezes vinham grupos gauchescos mais famosos para a casa e o valor do

² A casa já foi reformada e reinaugurou dia 31 de Março de 2009, mantendo o mesmo nome e a mesma proposta inicial.

ingresso aumentava em comparação com os dias normais. Aos poucos o público parou de freqüentar o lugar e a casa fechou com pouco mais de um ano de funcionamento.

Outro caso parecido é o do estabelecimento “E” inaugurado em 2006. Esta casa também abriu em um local muito próximo ao estabelecimento “C”. A proposta trazia para a casa um grupo de estilo diferente a cada sábado, com preços acessíveis e promoções de bebidas. Entretanto a casa já não tem mais a mesma atividade de antes, funciona esporadicamente através de parcerias em alguns shows.

A proposta do estabelecimento “C” parecia agradar ao público dançante em geral pois oferecia maior diversidade e acessibilidade, além de possibilitar um certo vínculo amistoso entre as pessoas que faziam as aulas de dança e eram assíduos aos bailes. A proposta de músicas diversificadas, o valor acessível, as aulas de dança e a possibilidade do vínculo com o lugar e com as pessoas eram sem dúvida elementos que tornavam este estabelecimento atraente para os amantes da dança.

Jane Jacobs (2000) afirma que as cidades são geradoras naturais de diversidade, de novos empreendimentos e idéias novas. Tanto que a maior parte dos usos da diversidade depende direta ou indiretamente da presença de um comércio urbano abundante, oportuno e diversificado. Assim como a falta de diversidade gera a monotonia e o fracasso dos bairros e das ruas das cidades.

Ainda assim a autora aponta que, por vezes a diversidade que começa a virar sucesso pode atrair outros empreendimentos da mesma natureza para a mesma região. À partir daí, existem dois caminhos: ou a concorrência acaba com a diversidade e um empreendimento derruba o outro, ou o local fica conhecido pelo seu potencial em determinados empreendimentos.

Ainda falando sobre as casas noturnas de Curitiba, é interessante notar a distribuição destas casas pelos bairros da cidade. Há um grande número delas na região Sul da cidade. Esta proliferação pode nos dizer que estas casas deram certo por que se instalaram próximas à população de renda mais baixa, que é o seu principal público. Só para ilustrar podemos citar mais seis casas noturnas deste gênero encontradas nesta região que já funcionam a anos e continuam com seu público assíduo.

Jane Jacobs pode novamente nos ajudar a compreender o sucesso destes clubes quando lembramos que o surgimento destes estabelecimentos está relacionado, entre outros fatores, à apropriação de instalações antigas que foram reformadas para este uso. Em muitos casos eram galpões de fábricas, antigos bingos ou igrejas. Dificilmente se constroem novas instalações para este tipo de comércio.

Além destes casos encontramos três exemplos de estabelecimentos bem sucedidos em antigos clubes esportivos e recreativos que dispõe de um salão de bailes e proporcionam jantares e bailes há mais de 15 anos na cidade. Todos buscam trazer bandas que toquem diversos ritmos para agradar a maioria. Tem seus preços mais acessíveis se levamos em consideração que servem jantar antes do baile e apresentam os maiores salões de baile da cidade.

Se voltarmos para a questão da cultura da cidade, vemos através destes exemplos alguns focos de resistência cultural na cidade de Curitiba. Nestes lugares se dança música sertaneja desde que ela se tornou popular nos anos 80. A valsa Danúbio Azul, o bolero Besame Mucho, a gauchesca Castelhana ainda são apreciadas da mesma maneira que as músicas novas por dançarinos de várias idades. A forma de dançar, os passos, os floreios, as condutas do salão na maioria das vezes são aprendidos lá mesmo durante os bailes. É a cultura popular sendo disseminada na cidade.

Ainda do lado daqueles que resistem aos novos tempos não poderia deixar de observar o estabelecimento “F” onde funciona um espaço cultural muito conhecido na

cidade. Esta casa noturna só funciona aos sábados e busca resgatar o forró-pé-de-serra da cultura nordestina. Como podemos vivenciar e acompanhar, esta manifestação de música e dança já teve seu auge na cidade no início desta década, entretanto esta casa continua funcionando com a mesma proposta e com um público assíduo.

Percebe-se aqui um caso em que a efemeridade da cultura da cidade não conseguiu acabar com uma manifestação cultural de lazer. Entretanto é interessante ressaltar que, apesar de o forró ser uma manifestação popular brasileira, no contexto da cidade de Curitiba esta casa noturna tem como público alvo os jovens da classe média, o que restringe um pouco o acesso a esta prática.

Considerações Finais

As motivações, os desejos e as necessidades que guiam as pessoas na busca dos lazeres na cidade são os mais diversificados possíveis. Ao mesmo tempo em que é lugar de organização e racionalidade, a cidade sempre foi e será lugar do desequilíbrio permanente, da dissolução das normalidades e coações, momento do lúdico e do imprevisível.

Ao mesmo tempo em que a cultura da cidade nos empurra seus códigos, costumes e produtos para serem consumidos a uma velocidade que nem conseguimos digerir, existe a possibilidade da diversidade brotar de seu próprio meio que nos permite ir na contramão da lógica dominante.

Como nos aponta Milton Santos, em determinados momentos a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, o valor de uso fala mais alto e se impõe sobre o valor de troca de forma espontânea, criativa, sorrateira quase imperceptível para quem olha de cima. Por este motivo acreditamos que quando se investiga mais a fundo as manifestações culturais no tempo/espço de lazer no cotidiano das cidades, se tem um olhar privilegiado sobre as tensões da sociedade.

Percebemos que, para além dos direitos elementares como o direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida, o direito à cidade defendido por Lefebvre, é fundamental para o desenvolvimento dos cidadãos. Mas “não à cidade arcaica, mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (2001, p.139). A cultura precisa ser vivenciada e ressignificada na vida cotidiana sem barreiras e restrições de qualquer gênero, principalmente a econômica, que talvez seja maior que qualquer outra neste contexto.

Milton Santos nos traz uma perspectiva um pouco mais otimista quando aponta que, enquanto as

“classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atitam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim” (SANTOS, 2006, p.222).

Essa possibilidade de comportar a diversidade torna-se então fator positivo nas cidades pois o surgimento de uma nova tendência não necessariamente exclui as outras,

abrindo um leque de possibilidades de vivência da cultura para seus cidadãos. Estes que transformando o espaço e sendo transformados por ele no cotidiano dão vida a cidade.

REFERÊNCIAS

JACOBS, Jane. Morte e Vida das Grandes Cidades. São Paulo; Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henry. O Direito à Cidade. São Paulo; Centauro, 2001.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Talita Marques ; PIKUSSA, Rosane Fátima ; OLIVEIRA, T. ; GONCALVES, F. S. As praças que a gente viu! As praças que a gente quer!. In: Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007.

Informações para contato:

Talita Marques Santos

Mestranda em Educação Física na Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua Cascavel, 411, casa 4, Boqueirão – Curitiba – PR. Cep 81670-180

E-mail: tali_ufpr@yahoo.com.br

Recurso Tecnológico: Data-Show

Simone Rechia Professora do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Pós-Doutoranda na Universidade de Barcelona